

Enredo para um tango argentino

Sumaya Mattar Oliveira Lima

Acordou. Mecanicamente se dirigiu ao banheiro. Após urinar, reparou que a renda da calcinha se rasgava. Se olhou no espelho. Por nada neste mundo conseguiria domar o cabelo sarará. Voltou ao quarto e escolheu um vestido florido que lhe realçava os seios, com um decote nas costas. Brincos de argola e sandália anabela compunham o visual. Preparou um café encorpado, sem açúcar, pois o dia exigia esta extravagância. Arrumou os papéis na pasta. Certificou-se de todos os compromissos. Foi para o ponto de ônibus.

Às 7.30 o ônibus chegou razoavelmente cheio. Sentou-se na janela e, através do reflexo no vidro, exercitou seu passatempo de observar os rostos de dentro e de fora do veículo. Modorra estampada em todos, como de costume. E, como de costume, pensava no curso da sua vida. Afinal, já se encontrava na casa dos 30, fato que a incomodava bastante. Era formada e vivia sozinha num quarto e sala. Seu único companheiro: um gato persa.

Ao chegar em casa, enquanto a comida esquentava no micro-ondas, se estirava no sofá de calcinha e sutiã, ouvia Rolling Stones e fumava um baseado. Adorava “Angie”. Escutava esta faixa repetidas vezes com o dedo enfiado na boceta. Para ela, a vida se revelava nos filetes ralos de um rio que, ao ínfimo calor, se extinguiria. A terra dura não tolerava contato. Tivera apenas encontros fortuitos, orgasmos artificiais. Rolava e não criava limo. “Me chame de cadela. Afinal, não é o cachorro o melhor amigo do homem?”, dizia pra todo e qualquer homem que ousasse controlar o jogo. Era ela quem dava as cartas. Sempre.

Todo este turbilhão de flashes revolteava em sua mente quando seu olhar se deteve num sujeito, de pé a dois assentos à sua frente. Tipo mediano e forte. Já quarentão. Tinha olhos severos, perfuravam superfície. Vestia-se casualmente. Não ostentava nenhuma aliança ou qualquer outro anel. “Será que tem esposa, amante, namorada?”, “Em que trabalha, qual o seu nome?”, “Em que está pensando?”, “Será comedido ou selvagem na intimidade?”, “Por que ele e não outro cara me chamou atenção?” Percebe um segredo flagrante na sua virilidade.

“Revelo meus segredos na cachoeira que me fazes jorrar!”, lhe diria na primeira oportunidade. Não recuaria. Por um instante, o tal cara estacou os olhos em sua direção. Então, esboçou um sorriso. Um naco de dentes apenas. A senhora sentada ao seu lado levantou-se para descer no próximo ponto. Já umedecida, pensou “o momento exato”. O homem se sentaria ao seu lado, coxa a coxa, boca colada no ouvido lhe imploraria: “Revelo meus segredos na cachoeira que me fazes jorrar!” Traçou os mais impossíveis detalhes.

“A senhora em direção à porta e ele em direção a mim.” A senhora caminhando... “Revelo meus segredos...” A senhora em direção à porta... O homem sai logo em seguida. Não olha pra trás. A ela sobra apenas a história: o que poderia ter sido, mas não foi. Nem nunca será. Enredo para um bom tango argentino.